

Déficit comercial dos ~~EUA~~^{com} cai em junho para US\$ 8,2 bilhões

Washington — O déficit comercial norte-americano diminuiu fortemente durante o mês de junho e se situou em 8,2 bilhões de dólares, cifra que representa o nível mensal mais baixo dos últimos quatro anos e meio. O resultado, anunciado ontem pelo Departamento de Comércio, sensivelmente inferior ao déficit de 10,1 bilhões de dólares (cifra revisada) registrado em maio, suscitou uma onda de entusiasmo nos meios oficiais e desmentiu, em parte, as previsões dos analistas, que prognosticavam um saldo negativo de 9 bilhões de dólares.

Embora se trate do melhor comportamento obtido pelo comércio exterior desde dezembro de 1984, quando o déficit foi de 6,8 bilhões de dólares, os analistas acolheram esse resultado com certa prudência. A maioria dos técnicos não dá muita importância a essa melhora e estima, inclusive, que se trata de um efeito temporário. Em compensação, o secretário do Comércio, Roberto Mosbacher, assegurou que esse resultado traduz o crescente vigor dos exportadores norte-americanos. Em junho, segundo as estatísticas divulgadas ontem em Washington, as exportações aumentaram 2 por cento e alcançaram a cifra recorde de 30,9 bilhões de dólares, contra 30,4 bilhões em maio.

Por sua vez, as importações

diminuíram 3 por cento, para totalizar 39,1 bilhões de dólares contra 40,5 bilhões durante o mês precedente. Todas estas cifras foram publicadas na base de dados corrigidos, com as variações de temporada.

Mosbacher também se declarou otimista quanto ao resultado global do comércio exterior durante o primeiro semestre de 1989. "Nos seis primeiros meses do ano, as exportações aumentaram 15 por cento em relação ao mesmo período de 1988, enquanto as importações só subiram 8 por cento", destacou.

Os analistas, no entanto, salientam que a redução das importações, registrada em junho, obedece, em grande medida, à notável diminuição das compras de produtos de petróleo, que totalizaram 4,2 bilhões de dólares, isto é 500 milhões de dólares menos que em maio.

As importações de automóveis e de sobressalentes para automóveis também diminuíram em 500 milhões de dólares, para 6,7 bilhões de dólares. No caso dos carros novos, essa baixa foi compensada por uma redução das exportações. Também incidu a forte alta (mais 700 milhões de dólares, para 10,5 bilhões de dólares) das exportações de bens de equipamento, enquanto as importações caíram em 400 milhões de dólares a 9,5 bilhões de dólares.

Como resultado desta redução do

desequilíbrio comercial, o déficit dos Estados Unidos em relação ao Japão diminuiu claramente, ao passar de 4,3 bilhões de dólares em maio para 3,9 bilhões em junho. Também se reduziu, de 2 bilhões para 1,8 bilhão de dólares o saldo negativo com os países recentemente industrializados na Ásia. Em compensação, aumentou ligeiramente o déficit com a Europa Ocidental, que passou de 100 a 200 milhões de dólares.

Nesse contexto, nos próximos meses se prevêem as consequências da recente alta da divisa norte-americana. "Pouco a pouco, o aumento do dólar vai provocar uma diminuição do nível das exportações e é verossímil esperar um aumento substancial do déficit nos últimos meses do ano", diagnosticou Michael Evans, presidente de uma empresa de analistas de Washington.

Numerosos técnicos, inclusive, calculam que o déficit global de 1989 será relativamente igual ao desequilíbrio de 118,5 bilhões de dólares registrados no ano passado. O governo, que não oculta sua preocupação a respeito, reconheceu, terça-feira, que espera um ligeiro aumento do déficit para os próximos 18 meses, segundo declarou Carla Hills, representante norte-americana para questões comerciais.